

LORENA MARIA SKROCH COGROSSI

**COMUNIDADE RURAL DO ANHAIA NO MUNICÍPIO MORRETES/PR:
UM ESTUDO SOBRE MUDANÇAS NO PERFIL DOS MORADORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profº Orientador: **Cinthia Sena**

MATINHOS

2011

COMUNIDADE RURAL DO ANHAIA NO MUNICÍPIO DE MORRETES/PR: UM ESTUDO SOBRE MUDANÇAS NO PERFIL DOS MORADORES

Lorena Maria Skroch Cogrossi¹

Cinthia Sena²

RESUMO

O texto a seguir trata de estudo sobre as mudanças ocorridas, entre as décadas de 40 a 80, com os moradores da comunidade rural do Anhaia, no município de Morretes. Foi realizado a partir de revisão bibliográfica e também da realização de entrevista com um grupo de 33 moradores da localidade. chegamos a conclusão de que, como tudo no mundo muda, transforma-se, o perfil dos moradores do Anhaia também mudou. Apesar de ser o mesmo lugar, o modo de vida dos moradores sofreu transformação. A produção agrícola é diferente. A fonte de renda é outra, para a maioria dos moradores.

Palavras-chave: História, trabalho, educação, moradia, êxodo.

1 INTRODUÇÃO

Ao trabalhar com educandos do Programa PROJOVEM CAMPO – SABERES DA TERRA, o qual visa resgatar e valorizar o pequeno agricultor rural e a agricultura familiar, chamou-me a atenção, o fato de que todos moram no campo, mas não vivem do campo. Todos tem um trabalho, seja na cidade, trabalhando em restaurantes, postos de gasolina, gráfica, doméstica ou em propriedades rurais como trabalhadores diaristas. A partir dessas observações é que senti a necessidade de compreender melhor os processos que levaram a esse quadro atual.

¹ Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo – Projovem Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná – Litoral, email: lorenacogrossi@hotmail.com.

² Educadora Orientadora, UFPR Litoral.

Desta forma, o presente busca conhecer a trajetória dos moradores da comunidade do Anhaia, município de Morretes, Paraná, ao longo dos anos. Conhecer como era a vida, a produção agrícola e o que os levou a esta realidade.

Para levantar os dados foi realizada entrevista com alguns moradores mais antigos da comunidade, os quais ali nasceram, cresceram, casaram, tiveram filhos e continuam vivendo nela e também com moradores mais jovens, que nasceram ou vieram morar no Anhaia.

2 ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE MORRETES

TABELA 1 – ÁREA TERRITORIAL E DISTÂNCIA À CAPITAL – 2011

TERRITÓRIO	VALOR	UNIDADE
Área territorial	687,541	Km ²
Distância da sede municipal à capital	70,40	Km

Fonte: ITCG (Área), SETR (Distância),2011, p.2

O município de Morretes, é uma cidade histórica, situada no litoral do Paraná. Distante a cerca de 70 Km da Capital.(IPARDES,2011)

A origem do nome do município deve-se ao fato de a cidade ser cercada de morros.

Os portugueses começam a chegar ao litoral do Paraná, por volta de 1550 e instalaram-se na Ilha da Cotinga, na baía de Paranaguá, como forma de se proteger dos índios carijós. Com a chegada dos primeiros mineradores, oriundos de São Paulo, teve início o processo de exploração da terra que aconteceu por volta de 1646. Os portugueses logo iniciaram o processo de colonização em Morretes.

O povoamento da localidade foi lento, e em meados do século XVIII, O Capitão Antonio Rodrigues de Carvalho e sua esposa, Dona Maria Gomes Setúbal, naturais de Paranaguá, passaram a residir no povoado de Morretes, período em que foi construída uma igreja sob a invocação de Nossa Senhora do Porto e Menino Deus dos Três Morretes.

Em 1721, o ouvidor Rafael Pires Pardino determinou que a Câmara Municipal de Paranaguá medisse e demarcasse 300 braças de quadra, para servir de localização da sede da futura povoação de Morretes. A cidade foi fundada em 31 de outubro de 1733, quando foi desmembrada por completo de Paranaguá.

No período de 1811 a 1832, o comércio, a indústria e a exploração de ouro, particularmente o beneficiamento de erva-mate e a indústria de aguardente, eram destaque no local.

Atualmente o município é um tradicional produtor de cachaça que, além da cestaria e do trançado indígena, são produzidos artesanalmente. Também conhecido como a “Capital Agrícola” da região litorânea, tem como principais atividades a olericultura, a horticultura e citricultura. Destacam-se, também, as plantações de banana, cana-de-açúcar, mandioca, arroz e feijão, além a produção de doces típicos.

TABELA 2 – PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO DO MUNICÍPIO DE MORRETES

PERFIL DO MUNICÍPIO	MORRETES-PR
Área territorial (km ²)	695
Densidade demográfica (hab/km ²)	22
População total	15.275
População urbana	7.153
População rural	8.122
Desenvolvimento humano	0,755
Renda per capita média (R\$)	223,13
Proporção de pobres(%)	30,28

Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano – ONU – 2000 Elaboração COOPERAFLORRESTA

TABELA 3- POPULAÇÃO CENSITÁRIA SEGUNDO TIPO DE DOMICILIO E SEXO-2010

TIPO DE DOMICILIO	MASCULINO	FEMININO	TOTAL
Urbano	3.516	3.662	7.178
Rural	4.434	4.106	8.540
TOTAL	7.950	7.768	15.718

FONTE: IBGE- Censo Demográfico

As informações contidas na Tabela 2, contribuem para traçar um perfil sócio-econômico do município. Observando nas Tabelas 2 e 3, pode-se constatar que há predomínio da população na área rural, percebendo-se também um leve aumento da população nessa área nos últimos 10 anos.

Com relação a percentagem considerável da proporção de pobres no município, apresentada pelo Tabela 2, esta pode ser ocasionada por baixa oferta de emprego.

TABELA 4- ESTABELECIMENTO AGROPECUÁRIOS E ÁREA SEGUNDO ATIVIDADES ECONÔMICAS – 2006

ATIVIDADES ECONÔMICAS	ESTABELECIMENTOS	ÁREA(ha)
Aquicultura	4	347
Horticultura e floricultura	170	1.888
Lavoura permanente	201	3.132
Lavoura temporária	157	2.701
Pecuária e outros animais	139	4.655
Produção de florestas nativas	10	162
Prod. de florestas plantadas	5	1491
TOTAL	686	14.377

Fonte: IBGE Censo agropecuário

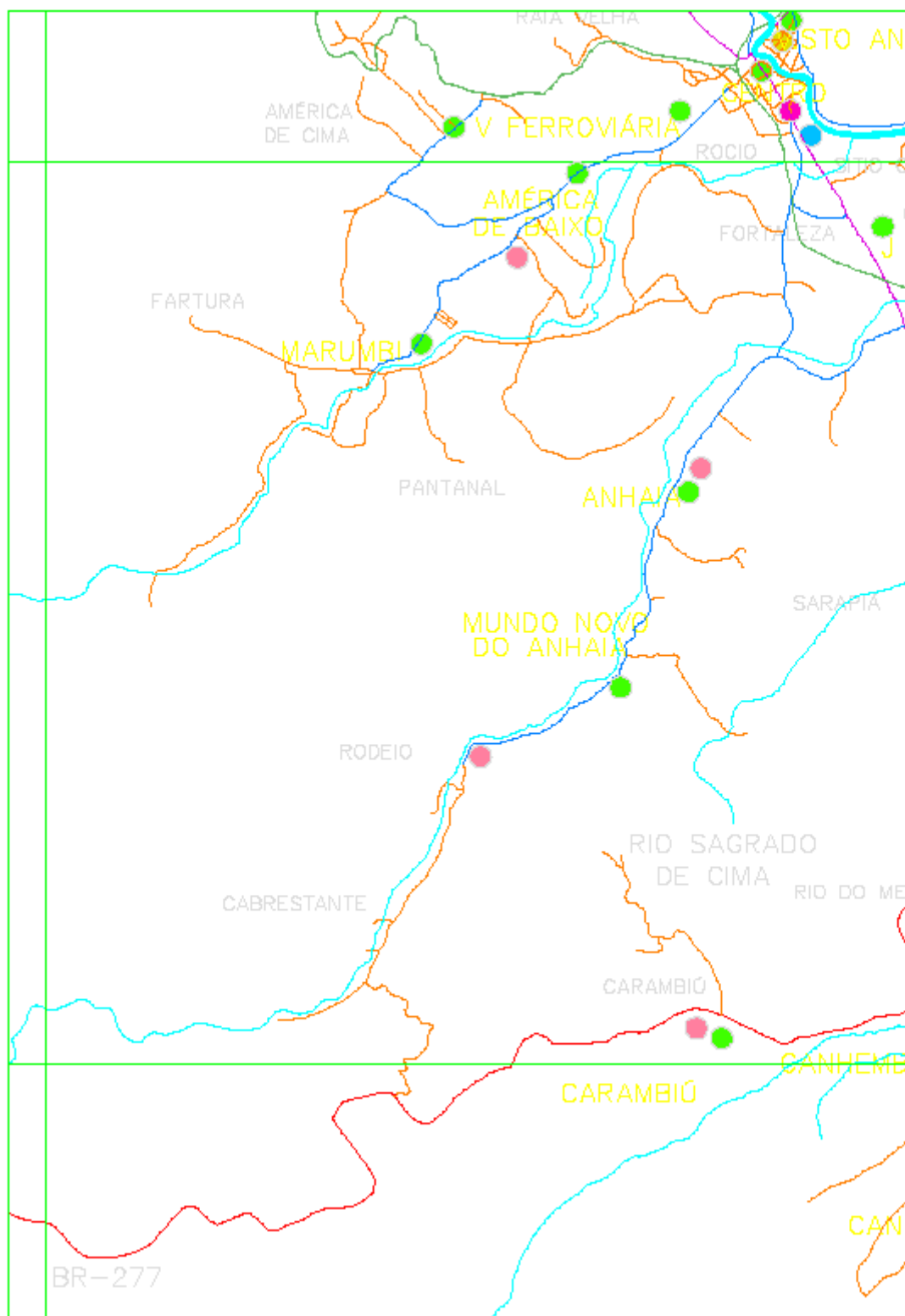
2.1 SOBRE A COMUNIDADE DO ANHAIA

TABELA 5 – NÚMERO DE ELEITORES

ANO	SEÇÃO 20	SEÇÃO 21	TOTAL
2002	245	217	462
2011	245	225	470

Fonte: TRE MORRETES- 51ª ZE, 2011

Povoado com aproximadamente 600 moradores, localizado a 08 quilômetros da cidade, ligada por uma estrada de terra. No povoado existe uma capela sob a invocação de São Pedro e três igrejas Evangélicas.



A origem da palavra Anhaia possui algumas hipóteses: uma delas é que a palavra Anhaia ou Anaya é de origem árabe e significa uma espécie de salvo-conduto. Como ali passava a estrada do Arraial, comunicando a marinha com as lavras de ouro do Arraial Grande (São José dos Pinhais), é possível que o fisco

emitisse um bilhete de passagem, cobrando pedágio e que esse bilhete fosse denominado Anhaia. Outra, talvez a mais provável, é que o nome Anhaia provenha do Capitão Paulo de Anhaya Bicudo, mineiro importante, que teve um sítio nos Cubatões de Morretes, no primeiro quartel do século XVIII.

A localidade já foi um lugar onde existiam muitos alambiques, onde a produção de cachaça era comercializada no município e em outras praças. Hoje, temos apenas um em atividade.

4 UM OLHAR SOBRE O CAMPO

Há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades, de considerar a maioria da população que vive no campo como parte atrasada e fora de lugar no almejado projeto de modernidade. No modelo de desenvolvimento, que vê o Brasil apenas como mais um mercado emergente, predominantemente urbano, camponeses e indígenas são vistos como espécies em extinção. (ARROYO,CALDART E MOLINA, 2009, p.21)

De acordo com Paraná, (2010) como consequência das contradições desse modelo de desenvolvimento, está, por um lado, a crise do emprego e a imigração campo-cidade e, por outro lado, a reação da população do campo que, diante do processo de exclusão organiza-se e luta por políticas públicas, construindo alternativas de resistência econômica, política e cultural que também inclui iniciativas no setor da educação.

A concepção de campo tem o seu sentido cunhado pelos movimentos sociais no final do século XX, em referência à identidade e cultura dos povos do campo, valorizando-os como sujeitos que possuem laços culturais e valores relacionados à vida na terra. Trata-se do campo como lugar de trabalho, de cultura, da produção de conhecimento na sua relação de existência e sobrevivência.

É o jeito peculiar de se relacionarem com a natureza, o trabalho na terra, a organização das atividades produtivas, mediante mão-de-obra dos membros da família, cultura e valores que enfatizam as relações familiares e de vizinhanças, que valorizam as festas comunitárias, que caracteriza os povos do campo.

Para Bernardo Fernandes,(Apud ARROYO,CALDART E MOLINA, 2009, p.137) no texto “Diretrizes de uma caminhada”, o campo é lugar der vida, onde as

peças podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem seu lugar, a sua identidade cultural.

Para os que vêem o processo de desenvolvimento na ótica das elites, o meio rural modernizou-se: cresce o uso de fertilizantes, de irrigação, de equipamentos mecânicos e de técnicas de controle de pragas e de doenças, enquanto cai a área cultivada, sem haver um impacto significativo na produção. Por outro lado, este mesmo processo expulsou do campo milhares de agricultores, concentrando a propriedade fundiária, e expulsou também parte dos assalariados rurais. Neste projeto não há mais espaço para a agricultura de subsistência ou voltada para mercados locais, pois agricultura patronal está globalizada e voltada para a exportação. (ARROYO,CALDART E MOLINA, 2009, p. 46)

Os Programas governamentais, que visam hoje resgatar a importância dos povos do campo, valorizar sua cultura, deveriam ter acontecido há vinte, trinta anos atrás. Talvez assim não tivéssemos tanto evasão das pessoas do campo. É bem verdade, que ninguém obriga alguém a ficar onde não quer. Mas, muitos foram forçados a deixar o seu pedaço de terra, seja por necessidade financeira, pela revolução verde ou pela ilusão de que na cidade seria melhor. Sempre faltaram incentivos e assistência para os agricultores familiares. Os jovens, vendo as dificuldades dos pais, foram buscando outras formas de sobrevivência.

Esses Programas são bons, só que exigem um grande esforço para serem colocados em prática, perante a resistência de alguns e da incredulidade de outros, já que o que foi transmitido pelos seus pais e pelos fatos históricos, é a visão de que eles são do espaço atrasado e não têm capacidade ou não querem mais saber da lavoura.

5 A VIDA E O TRABALHO NA COMUNIDADE DO ANHAIA

TABELA 6- ENTREVISTADOS

FAIXA ETÁRIA	NASC. NO ANHAIA	NÃO NASC. NO ANHAIA	TOTAL
Jovens	07	05	12
Adulto	08	04	12
Idosos	06	03	09
TOTAL	21	12	33

Dentre o grupo de entrevistados (ver tabela I), pudemos observar que a maior parte dos moradores é originário do próprio lugar.

Percebemos que, o que os levou a buscar outras formas de sobrevivência está um pouco relacionado a tudo que vimos anteriormente.

Um dos entrevistados, conta que nasceu na referida comunidade em 1928, cresceu, estudou, casou-se teve seus filhos e continua vivendo nela. Relata ainda, que plantava banana, arroz, feijão, mandioca entre outros, para alimentação familiar, o restante era transportado de carroça até a cidade onde era vendido e comprava outros alimentos que não produziam na propriedade. Tudo era muito difícil. Quando seus filhos cresceram e terminaram a 4ª série, tiveram que se deslocar até a cidade para continuar seus estudos, com isso foram incentivados por ele, a buscar outra profissão.

Outro nasceu na comunidade do Anhaia em 1920, cresceu e estudou na comunidade. Conta que o forte da produção agrícola, durante a sua infância, era a banana e a cana-de-açúcar, mas na juventude, pela década de 40, foi trabalhar em outra atividade, tendo morado durante muitos anos na capital, retornando somente após estar aposentado. Seus pais continuaram morando aqui. Uma de suas irmãs formou-se professora e passou a lecionar na Escola do Anhaia.

Outra entrevistada, nascida no ano de 1938, relata:” Eu nasci aqui. Meus pais viviam da terra e criaram todos os filhos aqui. Plantavam feijão, batata-doce, cará mandioca, fabricavam farinha. Também plantavam arroz que durava de um ano até o outro quando colhia de novo.” Diz que era tudo para o consumo da família. Só a banana que era vendida e com o dinheiro que recebia, comprava alimentos que não eram produzidos na propriedade e para suprir as necessidades básicas da família. Isso até a década de 90. Hoje é sua filha quem cuida da plantação de banana e de mandioca, pois ela ficou viúva e também já não tem muita saúde para trabalhar.

Das outras pessoas idosas entrevistadas, que nasceram no Anhaia, todas dedicavam-se, até a década de 70 e meados da década de 80, basicamente a produção agrícola de banana, milho, feijão, frutas, verduras e mandioca com a qual fabricavam a farinha para o consumo da família e para o comércio local .

Comentam a mesma coisa sobre o motivo do êxodo rural e do abandono das práticas agrícolas por aqueles que resistem em viver nesse lugar que amam e valorizam.

Dos entrevistados adultos, nascidos no Anhaia, algumas mulheres não vivem da agricultura comercial, mas praticam a agricultura de subsistência, paralelamente ao trabalho de diarista doméstica. Outros, homens e mulheres, vivem na terra mas não da terra. Tem outras ocupações seja na cidade ou nas propriedades vizinhas.

Na localidade tem um alambique. Na propriedade é plantado a cana-de-açúcar para a fabricação da cachaça, mas a produção não é suficiente, sendo necessário comprar de outras pessoas e até de outras localidades.

Uma das famílias entrevistadas, nascida na localidade, vive da produção de melado, rapadura, compotas em geral. Não produzem a matéria-prima para a transformação, sendo preciso comprar de outros produtores. No passado tinham outra profissão.

Outra das entrevistadas, nasceu, cresceu, estudou, casou e teve seus filhos no Anhaia. E como a maioria deles também relata que produziam cará batata-doce, café, arroz, etc para consumo próprio e que a banana sempre foi o fonte de renda, da sua infância até aproximadamente o ano 2000. Depois apenas a banana prevaleceu. Atualmente sua fonte de renda, vem do plantio da banana, a qual é transformada em bala de banana para ser comercializada.



Existem também, logo no início da área onde se localiza comunidade do Anhaia, a aproximadamente 1 Km da rodovia Miguel Buffara, alguns grandes produtores de verdura, os quais fazem uso de adubos químicos, esterco de galinha, agrotóxicos, tratores, etc, para os quais, alguns moradores trabalham como diaristas.



Por ser um local bonito e cortado pelas águas do Rio do Pinto, foi muito procurado por pessoas interessadas em comprar propriedades para fazer chácara de lazer. O que fez com que muitas pessoas vendessem suas terras, indo morar em outras cidades. A maioria ainda mora na comunidade, mas não vive da agricultura. Buscam o sustento em outras atividades, sem abandonar seu pedaço de chão.



6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por melhores condições financeiras fez, no passado com mais intensidade, com que muitas famílias deixassem seu espaço, seu pedaço de chão, migrando para as cidades. Alguns foram coagidos, outros iludidos ou pressionados pela falta de espaço para o cultivo de vegetais para a sobrevivência de sua família. Ocorreu, então, o êxodo rural, inchando as cidades, marginalizando o homem do campo e sua família.

A força dos que resistem em suas propriedades seja produzindo ou apenas morando nela, demonstrando que não querem abandonar suas raízes, pelo amor a sua terra.

Os moradores mais antigos da comunidade do Anhaia, relatam que, nasceram, cresceram, casaram, tiveram seus filhos e continuam vivendo nela, mas que incentivaram mas que incentivaram seus filhos a buscarem outras alternativas para sobreviver. Assim sendo, muitos continuaram seus estudos na cidade, já que o ensino na Escola do Anhaia vai até a quarta série. Em consequência disso, muitos foram encontrando outras formas de sobrevivência, diferente da vida que seus pais levavam. Outros, pela dificuldade de chegar até o centro da cidade, pois não havia transporte escolar, acabaram parando de estudar, principalmente as mulheres.

Mesmo assim, foram buscar trabalho em outros lugares. Isso trouxe uma influência urbana para o campo.

A comunidade hoje, é atendida com o transporte escolar, garantindo acesso a escolarização às crianças, adolescentes e jovens e a todos que desejarem estudar.

A educação do campo, vem dar uma contribuição na valorização dos povos do campo, oferecendo a oportunidade de instrução aos que não a tiveram no passado.

Nota-se que, até aproximadamente as década de 70 e 80, as pessoas viviam basicamente dos produtos da terra. Seja plantando e produzindo para o consumo da família ou para a comercialização. Atualmente a maioria dos moradores tem outras ocupações para garantir o seu sustento e de sua família.

De acordo com as conversas, durante as entrevistas, percebe-se que houve mudanças no perfil dos moradores, mas todos demonstram muito apego e amor ao lugar que vivem. Um exemplo disso é, a tradição da Festa de São Pedro, quando as pessoas organizam-se para as festividades, fazendo a novena, cantando o canto a São Pedro, na sua forma original. É interessante como o novo e o tradicional se complementam e os mais novos respeitam essa forma de expressão. É época de encontro, onde todos divertem-se e compartilham suas vidas.

É bem verdade, que já não é mais um espaço exclusivo de produção agrícola, mas é um espaço de vida, de cultivo da memória histórica, de mistura de pessoas que aqui nasceram e de outras que adotaram esse pedaço de chão como seu, aprendendo e valorizando suas particularidades.

7 REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales et al. **Por uma Educação do Campo**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PARANÁ. Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná. **Educação do Campo**. SEED/PR, Curitiba, 2010.

HUNZICKER, Eric J. **Assim nasceu o “Hino Morretense”**. Curitiba: JM Livraria Jurídica, 2008.

SANTOS, Antonio Vieira dos. **Memória Histórica, Chronológica, Topográfica e Discriptiva da Villa de Morretes**. Escrito em 1851, Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1950.

SECRETARIA Municipal de Cultura e Turismo de Morretes. **Morretes**. Disponível em <http://www.morretes.pr.gov.br/arquivos/informacoesmorretes.pdf>. Acesso em: 18/08/2011.

IPARDES, Cadernos do Município. Disponível em <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/Montapdf.php?Municipio=83350&btOk=ok>. Acesso em: 02/09/2011